

CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA DE REFERENTES¹

Cassiano Ricardo Haag²

Marlene Teixeira³

cassiano_rhaag@yahoo.com.br

marlenet@unisinis.br

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo mostrar como se dá a construção do referente “lazer” no discurso de jovens universitários que trabalham. Parte da noção de referenciação, tal como tratada por Mondada e Dubois (2003) – autoras que influenciam a maior parte dos trabalhos que discutem o assunto no âmbito do discurso – para elaborar uma proposta de investigação de modos de construção de referentes na perspectiva da Linguística da Enunciação de Benveniste. Os resultados do estudo indicam haver um leque de outros recursos linguísticos que entram em jogo no que estamos chamando de construção enunciativa de referentes.

Palavras-chave: Linguística da Enunciação; construção enunciativa de referentes; subjetividade; não-pessoa.

1. PRESSUPOSTOS

Este artigo investiga o papel do lazer entre as atividades de estudo e trabalho no processo de subjetivação em jovens universitários. Através do estudo da forma como foi construído o referente “lazer”, em entrevistas gravadas em áudio com quinze jovens universitários que trabalham, a pesquisa analisa como essas atividades intervêm na apropriação pelo jovem de um espaço simbólico na passagem para a vida adulta.

A pesquisa dialoga com a linha de pensamento advinda da Psicanálise que acredita na necessidade de repensar a subjetividade diante de uma “nova cartografia do social” (BIRMAN, 2001), que se constituiu no Ocidente nas últimas décadas. Birman, um dos representantes dessa linha, alerta para o fato de que a “subjetividade construída nos primórdios da modernidade”, quando Freud escreveu *Mal-estar na civilização* (1930), tinha eixos constitutivos diferentes dos de hoje. O autor propõe que sejam formulados novos

¹ Este trabalho se origina da pesquisa *Entre o estudo e o emprego: impasses de uma posição enunciativa*, coordenada pela Profª. Drª. Marlene Teixeira, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinis), entre 2005 e 2007.

² Mestrando em Linguística Aplicada pelo PPGLA Unisinis (Capes/CNPq).

³ Doutora em Linguística (Unisinis).

instrumentos para que se possa realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade. Trata-se de buscar compreender o sentido do que fazem os indivíduos num meio social determinado, diante das demandas que enfrentam no cotidiano.

Um dos grandes impasses vividos pela nova geração é a falta de laços que sustentem nossa sociedade. Matheus (2002, p. 76) fala em “crise dos ideais” para nomear a falta de perspectivas, de modelos de sociedade e de intervenção política que caracteriza nossa época. Além do desamparo que resulta da descrença em projetos coletivos de mudança, vivemos numa “sociedade do espetáculo” (cf. DEBORD, 1998), em que o consumo vem se colocar como possibilidade de ocupar um lugar vazio. Dinheiro e bem-estar colocam-se como imperativos de hoje. Birman (2001, p. 24-5) apresenta uma visão trágica da contemporaneidade, ao afirmar que os destinos do desejo, hoje, assumem “uma direção marcadamente exibicionista e aut centrada”, na qual há um desinvestimento nas trocas inter-humanas. A eliminação do outro, segundo o autor, “se impõe como uma banalidade”, produzindo-se assim uma espécie de culto ao individualismo.

Nessa conjuntura, a atividade remunerada passa a ter grande importância também para jovens de classe média, como é o caso dos que integram nossa pesquisa, representando, não tanto uma possibilidade de ampliação da renda familiar, mas uma via de acesso a bens de consumo e um meio de conquistar a autonomia em relação à família. Consumo e trabalho, associados a estudo, visto como meio de conquistar uma profissão de “sucesso”, são elementos que parecem compor a essência do universo desses jovens. Surge daí, então, uma pergunta: e o lazer?

Para Oleias (2006), a maior influência, no Brasil, para os estudos sobre o lazer é o sociólogo francês Dumazedier, para quem

o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Castelli (1990)⁴ observa que, em países como o Brasil, a realidade social impede o aproveitamento do lazer – por grande parte da população – como atividade “integradora, desalienadora e de bem-estar”. Para o autor, o lazer deveria ser uma ferramenta de promoção social que auxiliaria no “rompimento da alienação do trabalho, apresentando-se politicamente como mecanismo inovador aos trabalhadores na medida em que estabelece novas perspectivas

⁴ Todos os autores referidos que tratam do lazer estão em Oleias (2006).

de relacionamento social”. Além disso, promove “a integração do ser humano livremente” no seu contexto social, que serviria para “o desenvolvimento de sua capacidade crítica, criativa e transformadora”, e proporciona o bem-estar necessário ao indivíduo.

Requixa (1977) afirma que “o tempo livre é condição *sine qua non* para a existência do lazer”. Em consequência, Oleias defende que o lazer “diz respeito mais diretamente às classes privilegiadas, pela sua situação socioeconômica”. Para as classes trabalhadoras, por outro lado, segundo Zaluar (1991), o lazer assumiria um caráter secundário, executado apenas no curto tempo não preenchido pelo trabalho. A principal tese que Oleias defende é que a prática do lazer é influenciada pelo Estado, uma vez que este “pode implementar políticas públicas para o setor, além de oferecer espaços físicos necessários e adequados para a sua execução”.

Como este trabalho não se propõe a discutir o tema “lazer” propriamente dito, tomamos esse tema na acepção de Dumazedier, já que, como Oleias mesmo afirma, trata-se de uma visão que tem influenciado, no Brasil, a discussão a respeito do tema.

Já o tema da referência, na Linguística, se localiza no âmbito da Semântica. “Entende-se por referência a operação linguística por meio da qual selecionamos, no mundo que nos cerca, um ou mais objetos (isto é, pessoas, coisas, acontecimentos) específicos, tomando-os como assunto de nossas falas” (ILARI, 2001, p. 176).

Ilari destaca que as palavras mais utilizadas para a realização da operação de referência são “os nomes comuns, os adjetivos e as orações adjetivas restritivas” (2001, p. 177). Já para localizar as palavras num sistema de coordenadas, a língua tem os artigos e os demonstrativos, tanto os demonstrativos dêiticos como os anafóricos. Além disso, Ilari inclui os pronomes, em alguns de seus usos, e os nomes próprios como elementos que realizam “operações de referência”, embora sem informar “as propriedades dos objetos a que se aplicam” (2001, p. 177).

Situamo-nos numa perspectiva enunciativa da linguagem, especificamente, do ponto de vista da Linguística da Enunciação (cf. FLORES e TEIXEIRA, 2005). A principal base teórica que fundamenta nossa investigação vem de Benveniste e autores que nele se inspiram. Por outro lado, como muitas são as perspectivas que se voltam para a questão da referenciação, não deixamos também de considerar em nossa discussão alguns dos textos já entronados clássicos no tratamento desse assunto. Faremos a distinção entre a noção de *processos de referenciação*, trazida por Mondada e Dubois (2003) e amplamente aceita na literatura, e a noção, introduzida aqui, de *construção enunciativa de referentes*, que será explorada mais adiante. Por enquanto, basta dizer que partimos de um posicionamento epistemológico que considera a língua em uso, marcada necessariamente pela (inter-)

subjetividade. Além disso, postulamos a hipótese de que *toda a língua* pode servir para a construção de referentes.

2. O PROCESSO ENUNCIATIVO DE REFERENCIAÇÃO

Nesta seção, vamos apresentar brevemente a obra de Benveniste. Como autores do gabarito desse grande pensador francês são frequentemente citados em trabalhos acadêmicos, evitaremos citações *ipsis litteris* desse autor⁵. Com isso, também pensamos tornar nosso texto mais enxuto.

2.1 AS CATEGORIAS DE PESSOA/NÃO-PESSOA EM BENVENISTE

Em “Semiologia da língua”, Benveniste (1989a) postula dois níveis através dos quais a língua tem existência. Para isso, o autor parte de Saussure e aceita o nível da *langue*, ao qual chama de semiótico. Esse é o nível da língua enquanto sistema de significação, em que cada signo é aquilo que os outros não são. Os signos adquirem significado, dentro do sistema, através da relação com os outros. Nesse nível, a língua é apenas hipótese, virtualidade. Portanto, nele, tal como propôs Saussure, não há espaço para a referência. Mas, como todo grande pensador, Benveniste ultrapassa a herança teórica de seu mestre, postulando um segundo nível da língua, que não se confunde com a *parole* (cf. Benveniste, 1989a, p. 82), pelo qual a língua deixa de ser virtualidade para se atualizar. Esse é o nível semântico. Quando o locutor assume a palavra e põe a língua em funcionamento, ela vira ato. Benveniste nota que Saussure, ao postular sua noção de signo, tenta excluir a referência, mas esta retorna, uma vez que o conceito é conceito de algo. Esse “algo” é recuperado pelo linguista francês através do nível semântico, da língua em uso. Na instância do discurso, portanto, é possível falar em referência.

A partir daí, podemos seguir a noção de referência desse autor por um de seus textos mais conhecidos, *A natureza dos pronomes* (1989a), em que ele propõe um critério semântico para a análise da língua a partir, como diz o título, do estudo dos pronomes. Benveniste os apresenta sob a fórmula *eu-tu/ele* para mostrar que os dois primeiros se complementam e se invertem entre si, enquanto se opõem ao terceiro. Assim, *eu* e *tu* remetem aos interlocutores, pertencendo à categoria de *pessoa*. *Eu* é palavra que põe a língua em funcionamento. Faz a língua se transformar em discurso. Entretanto, *eu* só existe quando se completa dirigindo-se a

⁵ Para uma excelente visão geral da obra de Benveniste, enviaremos o leitor para Lichtenberg (2001) e Flores e Teixeira (2005, p. 29-44), esses textos sim, recheados com as mais pertinentes citações de Benveniste.

tu. Além disso, o caráter da inversibilidade reza que esses dois se invertem no momento em que o interlocutor (*tu*) assume a palavra e se enuncia enquanto *eu*. Por outro lado, *ele* representa a categoria da *não-pessoa*. Sua diferença semântica com a categoria de *pessoa* inicia ao se perceber a impossibilidade de inversão com *eu-tu*. Benveniste o define como *não importa quem* ou *não importa o quê*.

A categoria de *pessoa* é tida como *vazia*, uma vez que não possui sentido no nível da língua. Ela se plenifica, no entanto, na instância do discurso, ou na língua em uso. Isso conduz a que, didaticamente falando, a categoria de *pessoa* represente, na teoria de Benveniste, o estereótipo do nível semântico. Na mesma linha, a categoria da *não-pessoa* representaria o nível semiótico, ou da língua enquanto sistema de signos. Isso acarretaria dizer que a *não-pessoa*, por sua vez, seria preenchida por formas *plenas* de significação. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que essa suposta estereotipia serve apenas como recurso didático e mais nada, pois uma visão dicotômica reduz a leitura da obra de Benveniste. Ambas as categorias, na verdade, não se dissociam no uso da língua. O que ocorre é que a categoria de *pessoa* adquire todo o seu sentido ao ser posta em uso, enquanto que a de *não-pessoa* especifica seu sentido – até então geral, no nível semiótico – ao ser colocada em discurso. Dessa maneira, a *não-pessoa* não é uma categoria plena já no nível semiótico; só o é no momento em que passa para a língua em uso. Conforme Benveniste, “[...] a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo” (1989b, p. 233).

Isso leva a crer que o *não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê* é semantizado pelo sujeito através da língua. É disso que vamos tratar no próximo item.

2.2 NÃO-PESSOA E (INTER-)SUBJETIVIDADE

Como vimos, o sujeito semantiza as *coisas do mundo* (paradigma do *ele*) na e pela língua em uso. Assim, a categoria de *não-pessoa* passa pela de *pessoa* para se estabelecer na instância de discurso. O que pertence ao mundo empírico é tomado enquanto tema no diálogo e referido no discurso. Mas essa referenciação é construída por um determinado sujeito (*eu*) em situação de troca com outro sujeito (*tu*). Quando *eu* assume a palavra, dá existência às coisas, mas só porque se coloca diante de outro (*tu*), que, por sua vez, afeta o ato de *eu*. Ocorre uma influência pela presença do outro no discurso de *eu*, a qual, por um lado, mobiliza o próprio ato de enunciação – sem o *tu*, o *eu* não se pronuncia –, por outro, particulariza e afeta esse ato – as especificidades de como *tu* se coloca (quando toma a palavra, logo,

assumindo-se como *eu*) redireciona o discurso de *eu*. As coisas têm existência através de um sujeito (*eu*) que se desdobra (*eu-tu*).

O não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê se (inter)subjativa na e pela enunciação.

Ao mobilizar os signos de dada língua e os articular em frases na instância de discurso, o sujeito sugere uma significação particular ao *não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê*. Essa significação não está na “coisa em si”, mas sim, no próprio sujeito e na sua relação (desdobramento) com o outro. Kerbrat-Orecchionni afirma que “toda unidade lexical é, em certo sentido, subjativa” (1999, p. 79). Então, cada vez que o indivíduo assume a palavra e constrói discursivamente algo do mundo, a cada situação, a cada *tu* com o qual se desdobra e que o afeta, ele elabora esse *não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê* de modo particular.

2.3 A CONSTRUÇÃO DE REFERENTES: UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

Mondada e Dubois (2003) apontam para o fato de que a questão da referência foi tratada sempre como se a língua fosse um sistema de “etiquetagem” do mundo, em que as palavras serviriam para rotular as coisas. Assim, a relação entre as palavras e o mundo seria de espelhamento, como se fosse possível haver uma relação direta entre os itens lexicais e os objetos do mundo, sem necessidade de influência do social na estabilização dos signos. A essa concepção da ligação entre as palavras e o mundo as autoras chamam de referência.

Elas propõem, entretanto, uma outra abordagem para esse fenômeno. Convencidas da forte intervenção do social na estabilidade e na instabilidade constitutivas dos signos, as autoras suíças defendem que, através de processos semióticos complexos, os indivíduos constroem socialmente *objetos de discurso*, que são representações mentais dos objetos do mundo, construídas por meio do arranjo de itens lexicais. Por um lado, sócio-historicamente, a ligação entre determinado objeto de discurso e dado item lexical pode se tornar estável, o que não significa que ocorra uma relação especular ou uma colagem definitiva de rótulos (instabilidade). A essa concepção da relação entre linguagem e mundo Mondada e Dubois chamam de processos de referenciação.

A ideia de construção referencial tem sido discutida na literatura através, essencialmente, das nominalizações (ou *nomeações*, cf. Apothéloz e Chonet, 2003). Seja no estudo das anáforas ou fora dele, Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Conte (2003), Francis (2003), entre outros tantos, se voltam para a referenciação ajustando suas lentes para focar apenas como as *expressões nominais* e os pronomes constroem os referentes. Corblin propõe estudar “o modo como se efetua, no discurso, a referência a objetos ou entidades em língua natural” (1995, p. 9). Para isso, o autor estuda as *cadeias de referência*,

formadas pela “sequência de expressões de um texto entre as quais a interpretação estabelece uma identidade de referência” (1995, p. 27). Para esse linguista, essas cadeias de referência são identificadas por um sistema linguístico que se diversifica em nomes próprios, pronomes, grupos nominais (definidos e demonstrativos).

Mas se, por um lado, vemos grandes avanços na pesquisa sobre referenciação através desses autores, por outro, sentimos que a referenciação não é o processo exclusivo para a produção de representações através da língua em uso.

Marcuschi (2000, p. 91) já demonstrou que “a fala (...) opera mais [que a escrita] com a repetição no caso de correferenciações”. Se levássemos essa afirmativa às últimas consequências (o que Marcuschi definitivamente não faz), juntamente com um aparente (e equivocado) pressuposto de que é somente através das expressões nominais que os referentes se constroem, teríamos que admitir que, em grande parte dos casos, sobretudo na língua falada, a referenciação seria praticamente estática, já que a correferência é repetitiva, ou, no dizer de Ilari, já trazido nesta introdução, alguns dos elementos que produzem operações de referência não informam “as propriedades dos objetos a que se aplicam” (2001, p. 177).

Isso nos leva a crer que a construção referencial é operada por algo mais que apenas as expressões nominais. Neste artigo, portanto, partimos desse pressuposto. Além disso, queremos destacar dois pontos relevantes para que nossa investigação não se sustente tão somente com a análise dos grupos nominais.

1. Nosso *corpus* é constituído por transcrições de entrevistas orais com jovens universitários que trabalham, falando sobre essa situação de ser jovem que estuda e trabalha. Desse modo, as considerações dos entrevistados sobre *o lazer* ocupam lugar reduzido no discurso dos jovens, o que praticamente impossibilita o uso de expressões nominais que evoluam significativamente. Primeiro, porque, como já foi dito, trata-se de discurso oral, que investe, “por natureza” (cf. Marcuschi, 2000, p. 106), mais em informações compartilhadas. Isso acarreta um maior uso de pronomes e repetições lexicais, enfim, em retomadas menos sofisticadas. Segundo, porque a própria extensão dos trechos que referem ao lazer interfere na maneira como os locutores constroem o referente, pois se tratam, como já dito, de trechos curtos dentro das entrevistas.
2. O referente que estamos estudando apresenta um *status* ontológico bastante peculiar, pois não se trata de referência a indivíduos, nem a eventos ou estados de coisas, mas sim a uma ocupação – o lazer.

Devemos, a partir daqui, então, estabelecer a diferença entre *referenciação* e o que vamos chamar de *construção enunciativa de referentes*. A primeira é o conjunto de operações por meio das quais o locutor faz referência a objetos mais ou menos definidos. Essa referência se dá através de grupos nominais e, no discurso, forma cadeias referenciais constituídas de expressões nominais, nomes próprios e pronomes. Já a noção de construção de referentes *consiste no emprego de variados recursos linguísticos, de natureza plástica, no sentido de gerar representações (inter-)subjativas de objetos discursivos, ligadas à situação de enunciação*.

Nossa visão sobre a referenciação considera a *não-pessoa* benvenistiana como essencialmente (inter-)subjativa, à medida que, quando um sujeito assume a palavra se pronunciando enquanto *eu*, só o faz uma vez que supõe um interlocutor (*tu*). Dessa forma, ao falar sobre o mundo (paradigma do *ele*), esse locutor se (re-)vela de alguma forma. Nesse sentido, a referência à *não-pessoa* retorna ao sujeito que a constrói, (des-)velando algo desse sujeito: suas crenças, seus gostos, hábitos, enfim, algo de sua subjetividade. Entretanto, vale sublinhar, essa subjetividade é (re-)velada enquanto *inter*-subjetividade, pois aquela apenas tem existência na possibilidade de relação com o outro.

Além disso, levantamos a hipótese, junto com e a partir de Lichtenberg (2001), de que a subjetividade não é marcada apenas nos paradigmas da categoria de *pessoa* (*eu-tu*), como também na de *não-pessoa* (paradigma do *ele*), isto é, a subjetividade é marcada por toda a língua na instância do discurso. E a referência é feita também por toda a língua e não apenas através das expressões nominais, como tradicionalmente enfatizado pelos estudos linguísticos. Mais do que isso, como mostra a análise, em certos casos, sequer é mencionada pelo entrevistado qualquer expressão nominal do referente “lazer”.

3. A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA DO REFERENTE “LAZER” EM ENTREVISTAS COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUE TRABALHAM

Este trabalho tem origem na pesquisa “Entre o estudo e o emprego: impasses de uma posição enunciativa”. A vinculação com essa pesquisa acarretou a utilização de parte de seu *corpus*. Assim, faz-se necessário esclarecer como se procedeu para a gravação das entrevistas. Para investigar como a situação de estudo e emprego influencia no processo de subjetivação de jovens, a pesquisa referida gravou em áudio entrevistas com 15 jovens estudantes da UNISINOS. Nessas entrevistas, jovens de até 24 anos respondem a perguntas relacionadas ao viver acadêmico e profissional. Dentre essas entrevistas, interessa-nos aqui apenas 9, que foram feitas com universitários que trabalham, pois só nelas foi questionado a respeito de

como os entrevistados aproveitavam os momentos de lazer. Após a gravação em áudio, as entrevistas foram transcritas. Aos participantes, foram dados nomes fictícios para preservar suas verdadeiras identidades.

Não é objetivo deste trabalho fazer um inventário exaustivo dos itens construtores de referência que a língua possui. Tal inventário poderia requerer anos de incessante estudo! O que se quer, nos limites desta proposta, é apenas indicar a enorme variedade de itens linguísticos, além dos grupos nominais, cujo emprego serve à construção referencial.

Para a análise do *corpus*, procedemos da seguinte maneira: primeiramente, fazemos um recorte nas entrevistas, apenas destacando o trecho em que os entrevistados falam sobre como aproveitam seus momentos de lazer⁶. Em seguida, vamos garimpar, trecho por trecho, as ocorrências que parecem auxiliar na construção do referente “lazer” no discurso desses jovens. Entre os recursos mais utilizados para construir tal referente, destacamos o emprego de modalizações, negações, o que estamos chamando de verbos definidores e a descrição de um referente periférico para gerar uma representação de um referente solicitado. Por fim, arriscamos algumas considerações sobre as concepções de “lazer” que emergem do *corpus*.

(1)

Entrevistadora - e o lazer como é que tu faz? tu sai muito à noite assim?⁷

Alfredo - é de vez em quando volta e meia a gente sempre... o lazer sempre tem que estar presente... não adianta ficar só enfurnado nos cadernos que daqui a pouco exPLOde tudo... tem que... tem que ter um tempo pro lazer pros amigos jogar uma bola... pra namorada principalmente... então tem que saber conciliar.

(1.a) *Modalizações*: Ao falar sobre o lazer, esse jovem modaliza a “presença” do lazer em sua vida no eixo da prescrição, através da marca *ter que*. Esse modalizador, como bem observa Moehlecke (2002), não apresenta marcas de sujeito, o que conduz a interpretá-lo como algo que é prescrito por não se sabe quem. É interessante observar que tal modalização traz a ideia de obrigatoriedade ao referente “lazer”. Não é demais acrescentar que uma expressão nominal teria possibilidade reduzida de preencher essa nuance de sentido a esse referente, pois seria, no mínimo, estranho se um dos entrevistados enunciasse uma expressão como “essa obrigação” para se referir ao lazer.

(1.b) *Verbos definidores*: Outro recurso bastante utilizado para construir o referente em questão é o uso de verbos que indicam o que se faz nos momentos de lazer, ou seja,

⁶ Esses excertos serão numerados com o algarismo arábico entre parênteses.

⁷ Para a transcrição são utilizadas as seguintes convenções: ? para interrogação; ... para pausa; :: para alongamento; MAIÚSCULAS para aumento na altura da voz; (...) para trechos não compreendidos; ((xxxx)) para comentários.

verbos que dizem quais são as atividades consideradas como lazer. Ao longo da análise do *corpus*, vemos que esse é um expediente utilizado frequentemente. Por ora, basta indicar que, no excerto (1), é empregada a forma “ficar”, acompanhada da negação (não ficar). Ainda que a negação incida sobre o verbo “adiantar”, resta um implícito no enunciado que diz: “Lazer é não ficar em casa estudando”.

(1.c) *Nominalizações*: O recurso mais clássico de construção referencial se mostra de maneira especial nesse exemplo. Além da denominação mais óbvia – *o lazer* –, esse jovem lança mão de outras duas expressões nominais para fazer emergir de seu discurso sua noção de lazer. Observe novamente o seguinte trecho:

(...) *tem que ter um tempo pro lazer pros amigos jogar uma bola... pra namorada principalmente... (...).*

Após o uso da palavra mais comum para denominar o referente em questão, o locutor sente necessidade de explicitar a que ele se refere quando diz “lazer”. Então, ele faz uso de outras duas expressões nominais que especificam um pouco mais o que é lazer para ele: *os amigos* e *a namorada*. Essas expressões *encapsulam*⁸, todo um enunciado mais complexo, como “estar com os amigos é lazer”, “ficar junto à namorada é lazer”. Não convém esquecer a preposição “para”, que inicia tais expressões. Essa preposição sugere os amigos e a namorada enquanto *destinatários* do lazer desse locutor, isto é, parece que, além de o lazer ter se tornado, no dizer desse jovem, uma obrigação, sua prática é *destinada* a outros.

(2)

Entrevistadora - e o lazer como é que tu faz?

Luiz Alberto - o lazer? é o lazer bAH eu me obrigo a ter lazer porque bah só estudar não dá... se eu ficar só estudando eu vou acabar me estressando e... não vai... não vou adquirir NAda de conhecimento eu não vou... bah não vou conseguir me concentrar na matéria.

Entrevistador - e tu sai bastante assim... à noite? ou tu sai mais...

Luiz Alberto - eu saio... à noite eu saio... agora eu tô saindo ultimamente pouco... mas assim eu saio durante a tar::de... às vezes eu saio com ami::gos... vai num posto, vai num... sei lá a gente sai na praça... vai... vai em algum lugar acha sempre algum lugar... na casa de um amigo ou alguma coisa.

⁸ Conte (2003, p. 177) propõe esse termo para designar “um recurso pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto”. No caso em análise, não ocorre resumo de porção precedente do texto. O que há é o encapsulamento de um enunciado mais complexo que fica subentendido.

(2.a) *Verbos modalizadores*: Nesse exemplo do *corpus*, encontramos verbos que servem para modalizar os enunciados, no eixo da obrigação e no eixo da impossibilidade. Assim, o uso do verbo “obrigar” reforça a representação do lazer enquanto uma prescrição, vista no excerto (1). Essa prescrição é conjugada com a impossibilidade de não ter lazer – só estudar *não dá*.

(2.b) *Verbos definidores*: Há um outro grupo de verbos que servem para definir o que é considerada, para o locutor, como uma atividade de lazer (cf. 1.b). É o caso dos verbos “sair” e “ir”, com seus respectivos complementos.

Desse modo, a construção do referente “lazer” é auxiliada pelo emprego de verbos. Se fôssemos lançar mão apenas do recurso das expressões nominais, esse referente não alcançaria senão uma pequena expressão no discurso do locutor 2, já que a única expressão nominal empregada para designar tal referente é *o lazer*.

(3)

Entrevistadora - e como tu te organizas em épocas de provas e trabalhos?

Luana - ah não durmo assim ((risos)). eu durmo umas três horas é normal ficar até as três da manhã fazendo trabalho e estudando ou então não sair o fim de semana inteiro... né? também tem essa opção tento me organizar o máximo possível ANtes assim mas muitas vezes tem trabalho em grupo algumas coisas não dependem só de mim... daí fica complicado se reunir também em grupos pra fazer trabalhos é uma coisa complicada... mas é isso.

Entrevistadora - e o lazer? tu sai muito? (...) sai à noite?

Luana - eu tenho uma regrinha que é sair no mínimo uma vez por semana porque senão é todo o tempo estudando e trabalhando... e não sai nunca então eu saio bastante::... viajo também ().

(3.a) *Verbos definidores*: Essa locutora utiliza duas vezes o verbo “sair”, que ajuda a definir que tipos de atividades a locutora entende como lazer, e uma vez, o verbos “viajar”, que apresenta traços em comum com os outros definidores.

(3.b) *Modalização nominal*: Além desses verbos definidores, a locutora utiliza um tipo de nominalização que não é *standard* no que diz respeito à referenciação. Dentro de uma rotina pesada de atividades universitárias, a locutora coloca para si uma prescrição: sair pelo menos uma vez por semana. Essa modalização é operada por meio de um sintagma nominal indefinido – *uma regrinha*. Em termos de modalização, o enunciado *eu tenho uma regrinha que é sair no mínimo uma vez por semana* equivale a “*tenho que sair ao menos uma vez por semana*”. Podemos chamar, portanto, esse recurso de *modalização nominal*. É necessário

destacar que, ainda que essa modalização não incida diretamente sobre o referente “lazer”, incide decisivamente sobre esse referente. Isto é, o sintagma *uma regrinha* se refere não ao lazer – não é o lazer que é uma regrinha –, mas a uma norma a respeito da frequência mínima com que devem ser aproveitadas as atividades consideradas lazer. Mesmo assim, insistimos na importância desse grupo nominal para a construção de tal referente.

(4)

Entrevistadora - e o lazer tu sai bastante tu consegue conciliar o lazer com o [no último] trabalho e estudo?

Eduarda - não no último semestre eu não tenho tido essa oportunidade eu fui acho que numa festa só o semestre TOdo isso que eu saio eu saio mui::to assim eu sou muito baladeira e tal mas eu não tenho tempo porque a minha monitoria também não dá muito tempo eu tenho que ficar na internet o dia intEIro tenho que ficar ãh... fechando média de alunos e não sei o que e tem que estudar pra ética e tem que estudar pra rádio e tem que fazer boletim e isso e aquilo então acaba que tu não tem tempo hum... teu fim de semana teu sábado é tomado conta por boletins de rádio.

(4.a) *Nominalizações*: A expressão nominal “essa oportunidade” afeta também indiretamente a construção do referente “lazer”, uma vez que, nesse discurso, não é o lazer, mas sim a possibilidade de “sair bastante” que o locutor encara como uma oportunidade.

(5)

Entrevistadora - e o teu lazer, como é que tu organiza o teu lazer sendo uma universitária que estuda e trabalha?

Maria Joaquina - ãhh nos final de semana geralmente eu não faço nada... não pego cadernos nem livro... sábado e domingo... tem vezes sim que de sábado a gente tem que fazer alguma coisa mas como eu trabalho de noite até as onze horas da noite durante a semana é praticamente Nulo... né o divertimento só depois das onze e é raro... e raras vezes que eu saio de noite em dia de semana.

Entrevistador - por quê?

Maria Joaquina - em função do trabalho que eu tenho que acordar muito cedo e eu chego muito tarde em casa de noite.

(5.a) *Nominalização*: Nesse trecho, a locutora se refere ao lazer através da expressão “o divertimento”. No entanto, o predica como “nulo” durante a semana e limitado nos finais de semana, já que às vezes precisa utilizar seu tempo livre para empreender alguma atividade de seu trabalho.

(5.b) *Descrição de um referente periférico para gerar uma representação de um referente solicitado*: É imprescindível, neste ponto da análise, observarmos que, ao ser questionada sobre o lazer, a locutora opta por redirecionar o tema falando sobre a influência negativa que a sobrecarga de trabalho tem sobre seu lazer. Dessa maneira, ela acaba por construir uma faceta do lazer enquanto dificultado (quase impossibilitado) pelo trabalho. Para isso, a locutora inicia seu discurso negando que exerça alguma atividade relacionada ao estudo ou ao trabalho nos finais de semana (ver, mais adiante, a negação): “Áhh nos final de semana geralmente eu *não* faço *nada*, *não* pego cadernos *nem* livro, sábado e domingo”. Em seguida, faz uma concessão: “*Tem vezes sim* que de sábado a gente *tem que* fazer alguma coisa”. Nessa concessão, a locutora modaliza no eixo da obrigação a eventual realização, durante os finais de semana, de atividades pertencentes a seu trabalho de professora, em detrimento de seu descanso, em detrimento de seu lazer. Essa modalização é operada através do “ter que”. Enfim, vê-se por esse excerto que a locutora *gera uma representação de “lazer” via produção de um referente periférico*. Assim sendo, Maria Joaquina opta por descrever o trabalho como atividade que a sobrecarrega *em vez de delinear – e, paradoxalmente, enquanto delineava* – uma representação do lazer enquanto atividade sufocada pelo trabalho.

Esse recurso não é exclusivo dessa jovem. Vale rever o seguinte trecho de Eduarda:

eu sou muito baladeira e tal mas eu não tenho tempo porque a minha monitoria também não dá muito tempo eu tenho que ficar na internet o dia inteiro tenho que ficar ãh... fechando média de alunos e não sei o que e tem que estudar pra ética e tem que estudar pra rádio e tem que fazer boletim e isso e aquilo então acaba que tu não tem tempo hum... teu fim de semana teu sábado é tomado conta por boletins de rádio. Descrevendo sua rotina de trabalho, essa universitária tenta responder sobre seu lazer.

E, de fato, através de seu discurso, é construída uma representação de lazer, ainda que ela não tenha sequer mencionado a palavra “lazer” ou qualquer outra expressão equivalente.

(5.c) *Negação*: A negação é muito recorrente, como podemos constatar pelos excertos já vistos. Ducrot⁹ postula três tipos de negação. Para nós, interessa particularmente a negação polêmica, que é quando o locutor, entre dois enunciadores – E1 *Pedro é gentil* e E2 *Pedro não é gentil* –, opta pela negação E2. A negação mostra divergência entre as crenças de dois locutores, isto é, locutor 1 enuncia (ou pode vir a enunciar) P e o locutor 2 enuncia ~P.

A situação de enunciação parece influenciar no uso desse tipo de negação. Os locutores foram convidados para falar sobre sua condição de estudantes universitários que trabalham. Ao serem perguntados sobre o lazer, sentem que podem dar vazão ao sentimento

⁹ Apud Schäffer *et alii* (2002).

de que o estudo e o trabalho não devem ser as únicas atividades na vida. É o que ocorre nos trechos abaixo:

- (1) “*não* adianta ficar só enfurnado nos cadernos que daqui a pouco explode tudo...”;
- (2) “só estudar *não* dá... se eu ficar só estudando eu vou acabar me estressando e... *não* vai... *não* vou adquirir *NAda* de conhecimento eu *não* vou... bah *não* vou conseguir me concentrar na matéria”;
- (3) “eu tenho uma regrinha que é sair no mínimo uma vez por semana porque *senão* é todo o tempo estudando e trabalhando, e *não* sai nunca”.

Conforme Schäffer *et alii*, que fazem um estudo da negação nos discursos psicótico e neurótico – recorrendo ao entrecruzamento entre Linguística e Psicanálise –, “a negação é sempre negação de alguma coisa e pressupõe uma afirmação (*Bejahung*) prévia, que instale no inconsciente a representação da coisa que é negada” (2002, p. 55). É como se a situação comunicativa possibilitasse a antecipação de enunciados como “Para ser um estudante responsável deve apenas estudar”. A isso, os locutores negam, mas, ao negar, fazem mostrar algo que não gostariam de mostrar, isto é, essas sentenças nas formas afirmativas. Nesse sentido, esses excertos desvelam o movimento do jovem em relação à pressão social de valorização do indivíduo que está no circuito do consumo e da produção de riqueza.

(6)

Entrevistadora - e o lazer tu consegue... tu não chega cansada em casa por que tu trabalha em pé né o tempo inteiro?

Joana - é mas... não mas não beleza sábado e domingo vou pra pra::ia faço vários programas quanto a isso não tenho problema agora... ãh se eu conseguir algum tipo de bolsa e que eu tenha que fazer cinco cadeiras... acho que não/ não fiz ainda mas já trabalhei três turnos aqui no xérox e foi pesado mas meu sábado e domin::go... eu não deixo ficar dormindo assim... prefiro aproveitar mesmo.

(6.a) *Negação*: Em seu discurso, essa locutora utiliza duas vezes a negação polêmica:

- (i) “sábado e domingo vou pra pra::ia faço vários programas quanto a isso *não* tenho problema agora...” e (ii) “meu sábado e domin::go... eu *não* deixo ficar dormindo assim... prefiro aproveitar mesmo”. Ora, a entrevistadora sugeriu um caminho para a resposta de Joana no sentido de a moça confirmar não usufruir de seu tempo livre. Essas duas negativas, (i) e (ii), parecem justamente negar essa indução da entrevistadora.

(7)

Entrevistadora - o lazer tu consegue conciliar direito então?

Giovani - SIM sem problemas na... tipo nos fins de semana... dá pra conciliar numa boa não tem stre::ss... não tem nada que... me deixe mAl nem o trabalho nem a faculdade... então eu não deixo de aproveitar nada da minha vida por causa dos dois eu consigo conciliar todas as coisas.

(7.a) *Negação*: Nesse ponto, a entrevistadora novamente parece encaminhar a resposta do jovem pelo emprego da palavra “então” – essa indução não é por acaso, já que, desde o início dessa entrevista, o jovem dá a entender que possui muito tempo livre e que, por trabalhar para a mãe, tem vantagens como poder fazer trabalhos acadêmicos no horário de serviço, o que lhe garante maior maleabilidade no uso do tempo. Mas, na sequência de sua resposta, o jovem se vale várias vezes da negação: “*não* tem stre::ss... *não* tem nada que... me deixe mAl *nem* o trabalho *nem* a faculdade... então eu *não* deixo de aproveitar *nada* da minha vida por causa dos dois”. Segundo Schäffer *et alii* (2002:80), Andrès afirma que

haveria um paralelismo entre negação e enunciação, pelo fato de o sujeito receber do outro a mensagem que emite; a mensagem emitida é tomada emprestada de uma alteridade que podemos situar na cultura, na ideologia ou simplesmente nas outras pessoas; *quando nega uma proposição, o sujeito a está igualmente atribuindo a uma alteridade, está admitindo sua existência* (grifo nosso).

A insistência desse locutor em negar algo que não foi sugerido pela entrevistadora merece uma maior atenção. Ora, mas, se a negação implica a atribuição a alguém da afirmação negada, e à entrevistadora, como se vê na íntegra da entrevista, isso não deve ser imputável, a quem o é? Parece, a nosso ver, que esse locutor identifica no discurso dos universitários em geral as afirmativas a que ele se opõe através da negação. E isso aponta para uma dupla construção do referente “lazer” nesse ponto: de um lado, o lazer não é possível para grande parte dos universitários, de outro, é possível para esse universitário específico.

(8)

Entrevistadora - e o lazer como é que tu faz?

Margarida - no::ssa... vida de rp é uma festa né evento o dia todo então... se tu tá presente o evento tu tá aprenden::do... por isso tu tá prestando atenção de... como é que tá a posição das autoridades o que que seria no planejamento que seria mandar o protocolo... então tu tá quanto mais tu frequentar evento mais tu vai começar a perceber o que que tá acontecendo e mais tu vai aprender então... minha vida... de lazer não tem problema nenhum.

(8.a) *Deslizamento de campo semântico*: Esse é um dos discursos mais sintomáticos do *corpus*. A locutora desfaz a distinção entre trabalho, estudo e lazer. Ao ser questionada sobre seu lazer, ela fala sobre o quanto aprende no trabalho em festas. Dessa maneira, itens como o verbo “aprender”, a expressão “prestar atenção” e “protocolo”, normalmente relacionados a situações formais de estudo e trabalho deslizam de seu campo semântico mais corriqueiro para construir o referente “lazer”. Assim, vê-se tal referente como não pertencendo às atividades livres, o que pode desvendar um sintoma social, qual seja, o da não separação entre trabalho e lazer.

(9)

Entrevistadora - e o lazer como é que tu faz? sai bastante...

Laura - o lazer fica defasado pelas noites... chega o final de semana eu estou cansadíssima se eu quero fazer um programa que realmente eu goste eu acabo tendo que matar uma aula ou então deixando de fazer.

(9.a) *Predicação*: A predicação é uma das operações mais evidentes de construção de referente. Como se vê nesse excerto, a expressão “fica defasado” se refere ao “lazer” e confirma, no discurso dessa jovem, a sobrecarga de trabalho e estudo assumida por esses jovens.

(9.b) *Descrição de referente periférico*: Esse é um exemplo razoavelmente claro de construção do referente solicitado através da descrição de um referente associado. O enunciado “chega o final de semana eu estou cansadíssima” descreve a própria locutora, após ser solicitado pela entrevistadora o referente “lazer”. Com isso, a locutora sabe que está construindo uma representação de seu lazer como quase improvável, pois, se ela está “cansadíssima” – o superlativo marca bem a força dessa construção –, é muito possível que não desfrute de seu tempo livre para outra atividade senão o descanso.

(9.c) *Oração restritiva e modalidades*: A oração restritiva “um programa *que realmente eu goste*”, com o auxílio do advérbio, traz um subentendido de que as atividades de trabalho e estudo não são as preferidas dessa locutora, ainda que sejam prioritárias. Se ocorre de a locutora em questão ter vontade (volição) de se ocupar com algo *realmente* de seu gosto, o cansaço e o compromisso com o estudo a fazem *ter que* (prescrição) optar, o que torna o lazer dificultado (interdição).

(9.d) *Verbos com sentido negativo modalizado no eixo da prescrição*: Nesse curto trecho, ainda a locutora empregou dois verbos com sentido negativo: “matar uma aula” (*não* ir à aula); “deixando de fazer” (*não* fazer). Ambos estão modalizados pela expressão verbal “tendo que”, que coloca no eixo da prescrição a opção que divide a locutora. Segundo seu

discurso, ela é obrigada a escolher entre o estudo e o lazer. A realização dos dois é impossível.

A noção de *construção enunciativa de referentes* que queremos mostrar neste trabalho consiste, como dito acima, *no emprego de variados recursos linguísticos, de natureza plástica, no sentido de gerar representações (inter-)subjativas de objetos discursivos, ligadas à situação de enunciação*. Como vimos ao longo da análise, há uma gama enorme de recursos possíveis de serem operados a fim de produzir representações intercambiáveis do *não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê*. Essas representações são estreitamente ligadas à situação de enunciação, na medida em que o locutor avalia a situação enunciativa para estabelecer para si um modo conveniente de construir os referentes discursivos. O principal parâmetro considerado nesse momento pelo locutor é o interlocutor. Como já dito, o locutor (*eu*) só assume a palavra e a põe em funcionamento porque supõe um interlocutor (*tu*). Nesse sentido, a construção enunciativa de referentes deve levar em conta o caráter inter-subjetivo do *não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê*. Além disso, conforme se pode supor da análise do *corpus*, os recursos linguísticos postos em operação para cumprir essa tarefa possuem uma natureza plástica, na medida em que esses índices podem moldar-se para preencher a função. Os índices de construção enunciativa de referentes, em suma, são maleáveis ao ponto de praticamente qualquer item da língua poder ser convocado para tal missão.

A construção do referente “lazer” feita no interior de nosso *corpus* leva a problematizar a atual situação de pressão sofrida pelo jovem no final de sua adolescência. O lazer é construído como (a) uma obrigação, através de modalizadores como “tem que”; (b) uma atividade (quase) não realizável, ou pouco realizada, por falta de tempo, portanto, o lazer está em último plano, depois do trabalho e do estudo; (c) por vezes, imbricada com o trabalho e o estudo.

Nas entrevistas, a maioria desses jovens dão a entender que não contribuem para o sustento da casa. Pelo contrário, afirmam, por exemplo, que podem “fazer investimentos futuros”, “guardar dinheiro” (Margarida), que pagam contas, “mas não de casa”, (Maria Joaquina), etc.

Assim, no discurso de alguns jovens, o lazer é simulado enquanto obrigação em função da pressão pelo trabalho – um trabalho não obrigatório, na verdade – como se fosse necessário, numa entrevista sobre o estudo e o emprego, em uma universidade, atenuar o impacto da afirmação de que o lazer é tão importante quanto o trabalho e o estudo. Desse modo, colocando o lazer no eixo da obrigação, o jovem evita passar uma imagem “adolescente”, já que o lazer seria necessário apenas para render com maior qualidade no trabalho e no estudo.

É preocupante a construção coletiva da noção de lazer gerada pelos entrevistados. Apesar de ser um pequeno número de adolescentes ouvidos (9), é possível perceber uma tendência muito comum nos dias de hoje. O emprego se tornou o bem mais precioso na vida das pessoas. O estudo serve para conquistar um emprego melhor e o lazer serve para aliviar as tensões, para “produzir” maior qualidade no trabalho e no estudo, o que o torna obrigatório, quase “fazendo parte” do trabalho. Isto é, de um lado, o conhecimento ficou em segundo plano nas atividades *ditas* intelectuais; de outro, o prazer e o descompromisso ficaram para trás nas atividades *ditas* livres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutimos a referência numa perspectiva enunciativa a partir da obra de Benveniste. Esse autor traz uma distinção entre as categorias de *pessoa* e de *não-pessoa*. A primeira pertence ao paradigma do *eu-tu*, ao passo que a segunda constitui o paradigma do *ele*. Nessa visão, a referência passa por um sujeito e, portanto, é subjetiva. Mais que isso, esse sujeito se coloca à frente de outro que o afeta e a referência se faz inter-subjetiva.

Em geral, ao se estudar a referência, investe-se apenas no emprego dos pronomes e no uso de grupos nominais. Esses recursos linguísticos parecem ser, segundo as teorias existentes, os únicos meios de se construírem referentes linguisticamente. Juntamente com os grupos nominais, porém, encontramos uma ampla utilização de verbos, modalizações de variadas formas, negações, empregos de palavras “pertencentes” a outro campo semântico e, inclusive, a construção de um referente solicitado pelo interlocutor através da descrição de um referente associado. Enfim, encontramos uma grande variedade de marcas linguísticas utilizadas para construir o referente discursivo “lazer” no discurso dos jovens entrevistados. A essa gama de operações estamos chamando de *construção enunciativa de referentes*, já que, como se pode perceber, os referentes não são construídos apenas através dos processos de referenciação. Ao contrário, em nosso *corpus*, o emprego de sintagmas nominais é bastante limitado.

Destacamos que os estudos sobre a referência e, mais recentemente, sobre a referenciação ocupam um papel importante na compreensão do fenômeno da linguagem, muito embora, não seja o único meio através do qual os sujeitos construam referentes para falar do mundo. Os processos de referenciação se dirigem especificamente aos modos como os locutores mencionam os referentes em uso, com o emprego de pronomes, nomes próprios e expressões nominais. Essas marcas linguísticas, nos textos, formam o que se convencionou chamar de cadeias anafóricas (ou cadeias de referência) e vêm sendo amplamente discutidas

em abordagens linguísticas.

Como foi proposto, entretanto, a língua oferece um leque muito maior de índices a serem usados para a construção de referentes do que os tradicionalmente previstos. É necessário, porém, sublinhar que a referenciação não se confunde com a construção enunciativa de referentes, já que a primeira diz respeito, *grosso modo*, apenas às formas de *fazer referência* a objetos de discurso, enquanto que a segunda possui um âmbito bem mais amplo, para o que a referenciação é somente um dos recursos disponíveis.

A *construção enunciativa de referente* de que falamos abrange a operacionalização de recursos como a modalização, a negação, a predicação, o emprego de verbos, enfim, uma infinidade de índices que o sujeito dispõe na língua para gerar representações do *não-importa-quem-ou-não-importa-o-quê* de que fala Benveniste. Esses recursos apresentam uma natureza plástica na medida em que, a cada referente a ser construído, pode variar a disponibilidade de tais recursos.

O caráter *enunciativo* desse conjunto de operações provém do posicionamento epistemológico benvenistiano com o qual dialogamos. A consideração do homem na língua, iniciada pelos estudos de Benveniste, serve de alicerce a esta construção teórica. Dessa maneira, afirmamos que somente no ato de tomada da palavra é que o sujeito constrói o referente sobre o qual fala. Isto é, não só os referentes não estão dados no mundo, como ainda, para ganhar existência, eles dependem da enunciação. Esta, por sua vez, tem o interlocutor como elemento central – evidentemente, junto com o locutor. Assim, a construção enunciativa de referentes opera também com a relação entre os interlocutores. Um sujeito só assume a palavra e se coloca enquanto locutor quando pode visualizar um possível interlocutor. Essa é uma condição *sine qua non* para o ato de enunciação; e esse é um dado que afeta implacavelmente o modo como o locutor constrói o referente.

Esperamos ter servido este trabalho para pelo menos duas provocações interessantes: (i) refletir a respeito do modo como está sendo encarado o lazer por essa parcela da população que é jovem, estuda e trabalha; (ii) repensar a questão da construção referencial. Quanto ao primeiro aspecto, não fizemos senão dar elementos a quem está mais preparado para desenvolver tal tarefa, apenas arriscando alguns palpites. Quanto ao segundo, desejamos ter possibilitado algum tipo de avanço, em qualquer momento que seja, no tratamento desse assunto tão complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APOTHÉLOZ, D.; CHANET C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
2. BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1989a.
3. _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989b.
4. BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
5. CONTE, M-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
6. CORBLIN, F. *Les formes de reprise dans le discours*. Anaphores et chaînes de référence. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1995.
7. DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
8. FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
9. FRANCIS, G. Rotulação do discurso: uma aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
10. ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.
11. KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1999.
12. KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. In: *Revista D.E.L.T.A.* vol.14. n°. Especial, 1998.
13. LICHTENBERG, S. Usos de *todo*: uma abordagem enunciativa. In: *Letras de Hoje*. Estudos sobre enunciação, texto e discurso. v.36, n°4. Porto Alegre: PUCRS, 2001.
14. MARCUSCHI, L. A. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: *Estudos de Linguística Textual do Português*. Frankfurt am Main, TFM Editora, 2000.
15. MATHEUS, T. *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*. São Paulo: Fapesp, Anablume, 2002.
16. MOEHLECKE, J. B. *A constituição polifônica do sentido na publicidade institucional: uma abordagem enunciativo-discursiva*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

17. MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
18. OLEIAS, V. *O conceito de lazer*. Disponível em: <http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>
Consultado em: 20. jul. 2006.
19. SCHÄFFER, M.; SETTINERI F. F.; BARBISAN L. B.; TEIXEIRA M.; NÓBREGA M.; FLORES, V. N. A denegação na neurose e na psicose. In: Schäffer, M; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.) *Aventuras do sentido*. Psicanálise e Linguística. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo mostrar como se dá a construção do referente “lazer” no discurso de jovens universitários que trabalham. Parte da noção de referenciação, tal como tratada por Mondada e Dubois (2003) – autoras que influenciam a maior parte dos trabalhos que discutem o assunto no âmbito do discurso – para elaborar uma proposta de investigação de modos de construção de referentes na perspectiva da Linguística da Enunciação de Benveniste. Os resultados do estudo indicam haver um leque de outros recursos linguísticos que entram em jogo no que estamos chamando de construção enunciativa de referentes.

Palavras-chave: Linguística da Enunciação; construção enunciativa de referentes; subjetividade; não-pessoa.

ABSTRACT: This article has the goal of showing the construal of the referent “leisure” in the discourse of young college students that work. The results of the study point to a bundle of linguistic resources active during the process of what we are calling construal of referents.

KEYWORDS: Discourse Linguistics; construal of referents; subjectivity; nonperson.

Recebido no dia 26 de maio de 2009.

Artigo aceito para publicação no dia 30 de julho de 2009.